

“Eça e Pessoa no Labirinto de Eduardo Lourenço”

1.

É através do labirinto como texto e do texto como labirinto, em Eduardo Lourenço habitado por cintilantes metáforas, que se nos oferecem na fulgurante inteligência de uma escrita cuja inefável agilidade se encontra em “osmose” perfeita com o que analisa, que tentarei discernir que motivos levam o ensaísta de *O Esplendor do Caos* a afirmar que “na ordem cultural moderna o favor público só consagrou a sério, e com persistência, duas revoluções do nosso olhar literário: a de Eça de Queirós e a de Fernando Pessoa”.¹ Na verdade, se foi atributo de Eça e de Pessoa terem protagonizado “duas revoluções do nosso olhar literário”, difícil será negar o quanto Eça de Queirós e Fernando Pessoa são responsáveis, ainda que de formas diferenciadas, por um “olhar subversivo” que, de modo indelével e irreversível, “dinamitou a constelação de valores, de referências, de estereótipos, de reflexos, de modelos que, até ele[s], tinham presidido à vida do imaginário lusíada.”²

Procurarei interrogar aqui algumas faces de tão aliciante (e vasto) problema, escolhendo como fio condutor desta breve reflexão um tópico estruturante do universo intelectual e criativo destes três autores: a noção de temporalidade, indissociável dessa aguda “consciência das insolúveis contradições” da modernidade e do mundo moderno³ que percorre a obra de todos eles.

2.

Eça de Queirós, espírito incomensuravelmente inovador – pela insuperável obra romanesca que o tornou célebre mas, também, pelo

¹ Eduardo Lourenço, *Fernando, Rei da nossa Baviera* (FRB), Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1993, p. 49.

² *Idem, ibidem.*

³ FRB, p. 18.

menos valorizado mas nem por isso menos notável *pulsar ensaístico* da sua escrita -, foi o primeiro dos nossos escritores que antecipou ou, se se preferir, re-inventou a modernidade.

Desde logo, porque a específica vivência do tempo que modela a visão do mundo eciana, surge já emancipada daquela temporalidade afectada, por herança da "ilusão romântica", de "conteúdo transcendente", expressando, em vez disto, a sua *imanência* constitutiva e, com ela, a fugaz - mas paradoxalmente empolgante e até irresistível, como nos revela o conto "A Perfeição" - precariedade que subordina toda a aventura humana, menos os sonhos do que o seu viver quotidiano.

Acresce que Eça de Queirós não se antecipa à sua geração apenas por ter tido uma consciência do Tempo que já exprime a inexorável finitude humana – o que já não seria pouco – mas também por vislumbrar e estar ciente do significado, em termos quantitativos mas, sobretudo, *qualitativos*, do "tempo novo", quer dizer, aquele tempo trazido pelo "triunfo da turba" ou emergência da sociedade de massas.

De facto, e por paradoxal que pareça, a atmosfera fim-de-século, cujo reflexo estético-cultural teve como protagonista decisivo, na obra final eciana, Fradique Mendes e o Fradiquismo, quer dizer, o conjunto de valores literários e de convicções existenciais que este alter-ego simbolizou,⁴ "traduzia também a consciência aguda de que esses tempos eram tão originais que não podiam ainda ser vividos senão *negativamente*, pela fuga ao que neles emergia, quer dizer, o primeiro esboço de uma sociedade de massas, cuja simples visão provocava uma espécie de náusea, ao mesmo tempo social, política, espiritual para os que apercebiam essa emergência como o anúncio da morte do *indivíduo*"⁵.

⁴ Cf. Ana Nascimento Piedade, *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça – 1888-1900*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

⁵ Eduardo Lourenço, *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, pp. 320-321.

Por isso, como sublinha ainda o autor de *As Saias de Elvira*, “tudo quanto caracteriza hoje noutra ritmo e com outra potência, a nossa actual civilização, já é visível e está presente no tempo em que o autor de *Os Maias* viveu, constituindo pano de fundo da sua experiência vital e cultural.”⁶ Não admira por isso que a prosa de Eça, efectivamente viva por tão actualizada, nos provoque uma sensação *única* de proximidade e de “familiaridade [...] não só mágicas, mas propriamente *míticas*.”⁷

Ora, tendo sido Eça, como também pensa Lourenço, “a mais audaciosa e inteligente imaginação do seu tempo”, natural se torna que a sua avançada compreensão dessa inexpugnável imbricação que liga *Ser e Tempo*, se concentre no traçado subtil de um lados mais *insólitos* dessa vivência. Qual? A de uma temporalidade “do *hiato*, tempo suspenso, vazio ou esvaziado. Aquela temporalidade que “se exprime no tédio, na monotonia, no não-tempo no interior do tempo”⁸ e que transparece corporizada numa obra atenta como poucas ao “bocejo nacional”.⁹

Neste sentido, a ficção eciana mostra-se como palco ensombrado por esta precoce intuição do seu criador que sabe, sente e por isso escreve, sob o melancólico efeito dessa ambivalência *fatal* que é consubstancial ao Tempo. Ou seja, sendo como é a condição de possibilidade da nossa existência, o Tempo não deixa, com inevitável simultaneidade, de comparecer como o impalpável - porém inequívoco - sintoma da nossa finitude.

Mas, a importância desta “tentação *niilista*”, como lhe chama Lourenço, parece-me revestir-se de ainda maior significado se se pensar que a vacuidade e a inanidade intrínsecas ao tempo e à vida, que Eça, como nenhum outro dos seus companheiros de 70, sentiu

⁶ Eduardo Lourenço, *As Saias de Elvira* (ASE), Lisboa, Gradiva, 2006, p. 35.

⁷ ASE, p. 36.

⁸ ASE, p. 38.

⁹ ASE, p. 17.

de modo “tão visceral [e] carnalmente vivo”, representa um irrecusável ponto de contacto com o poetar pessoano.

Na verdade, se a escrita de Eça se mostra moderna ao “colhe[r] a essência da realidade humana como temporalidade pura”¹⁰, Pessoa é o protagonista assumido - e interiormente sofrido - de uma consciência do Tempo, cuja “força de dissolução e de desilusão”¹¹ é sentida com tal radicalidade, que se transforma em profunda “náusea vital e existencial”, ou melhor, se transmuda nesse “esplendor nenhum da vida” que o poeta “desfraldou ao conjunto fictício das estrelas”.¹²

Por ter incessantemente (des)vivido tão abissal sentimento de “inexistência própria e de universal inconsistência” da Vida,¹³ o autor de *Fausto* foi a justo título considerado como “um dos mais autênticos e profundos representantes do Niilismo moderno, [tendo sido o] poeta do eu como ficção, [o] encenador de visões plurais e pouco conciliáveis de um mundo que, [para ele,] se cifrava pela expressão da realidade e da Verdade como ausência.”¹⁴

A tudo isto e como que sintetizando a essencial “*não-mensagem*” pessoana, Lourenço acrescenta, muito ‘rilkeanamente’, que “a galáxia-Fernando Pessoa não é habitável senão por aqueles que como ele sabem que «grandes são os desertos, [e tudo é deserto]...»”.¹⁵

3.

Mas, a par da encenação de uma temporalidade que, graças ao génio singular de Eça, consegue ser em simultâneo e quase indistintamente *dele e nossa*, “aquilo que subdetermina realmente

¹⁰ Eduardo Lourenço, *O Canto do Signo – Existência e Literatura. 1957-1993* (OCS), Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 302.

¹¹ ASE, p. 40.

¹² FRB, p. 12.

¹³ Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa Revisitado – Leitura Estruturante do Drama em Gente* (FPR), Lisboa, Moraes Editores, 1981, p.138.

¹⁴ FRB, p. 48.

¹⁵ FRB, pp. 48 e 41.

toda a sua criação e faz dela uma obra [...] *revolucionária*, enquanto figura do nosso imaginário, é o conflito que tem Eros como centro.”¹⁶

Reiterando um facto que tem sido reconhecido, o da centralidade na obra de Eça “de um imaginário erótico sem precedentes na nossa literatura e raro, sobretudo então, no imaginário ocidental”, Eduardo Lourenço vai mais longe ao apontar a perturbadora e “nova «transmutação de valores» implícita ou implicada na visão erótica de Eça de Queirós”¹⁷ e, ainda mais, ao sublinhar a dimensão *ontológica* de que o erotismo queirosiano se encontra imbuído. É que, o “teatro de Eros” não é apenas para Eça “mera *mimesis* da realidade ou dos ecos da sensualidade, como dos seus jogos e representação artisticamente recriados, [mas é] estrutura, [é a] visão do mundo, que *conscientemente* orienta, determina e embebe toda a sua escrita.”¹⁸

Nesta ordem de ideias e de acordo com a heterodoxa perspectiva lourenciana, a extrema ousadia da ficção erótica de Eça, residirá sobretudo na “revelação do oculto por excelência na nossa civilização *vestida* – ao menos nessa época – que o cristianismo revestiu [e (en)cobriu também, com um] manto opaco e trágico”.¹⁹

Na realidade, desde *O Crime do Padre Amaro*, que Eça se empenha na tarefa de desconstrução “pela ironia, às vezes bem pesada da sátira”, não só de diversos tabus religiosos e sociais da sociedade lusa, mas ainda, de “qualquer coisa mais profunda e então, na opinião pública, sacralizada”, a saber, os efeitos da omnipresente influência da “centenária [...] cultura e sensibilidade cristãs” no modo-de-ser português seu contemporâneo.

Traçar um quadro assim “tão grotesco [e] conscientemente anticlerical” da nossa sociedade constituiu, evidentemente, uma “incrível audácia”, só comparável a certas ulteriores posições mentais

¹⁶ ASE, p. 8.

¹⁷ ASE, p. 23.

¹⁸ ASE, p. 22.

¹⁹ ASE, p. 10.

de Fernando Pessoa. Sendo como foi “um retrato devastador, não só dos hábitos patriarcais [e] conservadores do nosso povo”, mas, mais profundamente, da “crença mesma que alicerçava ainda - mesmo se já atenuada pelo liberalismo, séculos de cultura portuguesa”,²⁰ não admira que a crítica de Eça tenha representado uma *blesure* insanável no âmago da mentalidade nacional e tenha modificado a imagem cultural dos Portugueses.

Quanto a Pessoa e ao seu muito evocado - mas desafortunadamente pouco compreendido - “drama em gente”, aquilo que, como escreve Eduardo Lourenço, efectivamente está “em todos e [por] detrás de todos” os famosos heterónimos é tão-só “essa voz anónima que os inventou ou se inventou neles para suportar a sua vida real [e] o quotidiano atroz de que o [enigmático] *Livro do Desassossego* é o espelho sem ficção, ou tão pouca que é pior que nenhuma”.²¹ “Tudo isto, – prossegue o ensaísta de *Fernando, Rei da nossa Baviera* - para nos dizer, como ninguém dissera antes, que Deus, o deus da nossa alma e da nossa cultura milenariamente cristãs, *estava morto* e, com ele, as crenças, os valores, as ilusões, a moral, a política de que era a suprema [...] sigla. Mas o que Pessoa compreendeu [igualmente], antecipando-se a deduções futuras e óbvias, foi que essa *morte de Deus* era, ao mesmo tempo, [...] *morte do homem*, [i.e, representava o] fim da ilusão humanista que imaginava ainda poder justificar, [...] [não obstante a manifesta] ausência de Sentido transcendente para o universo e a História, os mesmos valores, as mesmas ilusões consoladoras, a mesma moral tranquilizante.”

Por estes motivos, “o moderno Pessoa é o herdeiro directo e o mais coerente da Geração de 70 que disfarçara (com mais ou menos graça) [– com mais graça, segundo me parece, no que a Eça diz respeito! –], o caos do espírito e da alma em que a lançara o

²⁰ ASE, pp. 13-14.

²¹ FRB, p. 14.

contacto abrupto com a cultura moderna da Europa e o seu balanço impiedoso de todas as carências portuguesas.”²²

4.

Com Eça assim como com Pessoa, “não estamos no Tempo, [mas antes] *somos* Tempo”²³, ou não fossem ambos autores e actores de primeira grandeza na construção de uma Modernidade que, entre outras coisas, elegeu redimir “pelo humor [a] vivência do Absurdo e da Perdição da existência humana em busca de si mesma.”²⁴ No entanto, a ironia poética e metafísica de Fernando Pessoa, “esse humor como indiferença no interior da tragédia”,²⁵ fulgura num registo bem diferente daquele em que cintila a “ironia alada” de Eça de Queirós, sobretudo quando esta resplandece sob a forma de um mais específico (e hilariante) “humor sobre ou à custa do «outro»”.²⁶

Com efeito, no universo do poeta de “Hora Absurda”, a destruição de um valor não tem implícita a contraposição de um outro valor porque *tudo é risível*. Fundamentando-se, de forma crítica e paradoxal, na ausência mesma de fundamento e de redenção para a sua crise, a ironia pessoana, afectada por uma desesperança extrema, mostra-se implacavelmente corrosiva, pondo em causa não apenas a estruturação das coisas e do mundo, mas tudo, quer dizer, anulando qualquer hipótese de uma percepção comum ou partilhada da vida e, em última análise, inviabilizando a própria comunicação.²⁷

Para o autor de “José Matias”, pese embora o seu intrínseco cepticismo, subsiste uma confiança na existência de uma lógica subjacente às coisas, na função positiva que pode exercer a clareza

²² FRB, pp. 14-15.

²³ FRB, p. 12.

²⁴ FRB, p. 18.

²⁵ FRB, p. 16.

²⁶ FRB, p. 16.

²⁷ Cf. Vergílio Ferreira, “Eça, Pessoa e nós”, in *espaço do invisível III – ensaios*, Lisboa, Bertrand Editora, 1993, pp. 203-205.

do pensamento, na viabilidade da palavra. Por isso, a ironia eciana, embora sempre certa e eficazmente dissolvente, não deixa de nos subentender um esbatido sentido suavemente promissor como se, por detrás do valor combatido (e eventualmente até destruído) se perfilasse um outro que valesse a pena defender.

E enquanto Eça – através de Fradique e da sua “insaciável e religiosa curiosidade do Universo” – ainda preconiza – mesmo que com equívoca ironia - a travessia de oceanos e continentes com o intuito de buscar “de cada opinião a parcela de verdade que cada uma invariavelmente contém”,²⁸ para Pessoa, “viajante mental” que apenas deambulou no labirinto de si, a verdade não é (nem poderia ser) “soma ou conjugação harmónica de verdades parciais, [mas] é, abstractamente, a pluralidade das mentiras [...]”.²⁹ Como escreve de forma expressiva o autor de *Fernando Pessoa Revisitado*, “de Pessoa ficaram os «disjecta membra», reflectindo com fulgor extremo as plurais verdades de uma Verdade inacessível ou a mentira múltipla de uma universal Mentira, quer dizer, de uma verdade que não é feita para nós nem nós para ela.”³⁰

Assim, segundo pensa Lourenço, ninguém como Pessoa “exprimiou [a] absoluta perdição do sentido do nosso destino enquanto *mundo moderno*”, [quer dizer], esse sentimento de radical solidão e de absurdo, que pouco a pouco emergiu com o processo de isolamento e de inumanidade da civilização actual.”³¹

No espírito de Eça, pelo contrário, perdura uma tendência obliquamente pedagógica e uma propensão lúdica que, não obstante algumas reservas suscitadas pela sua visionária lucidez, sustentam o pessimismo bem-humorado e tolerante que particularmente caracteriza o último Eça, impedindo-o de resvalar para o niilismo

²⁸ *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s.d., p. 69.

²⁹ Cf. Jacinto do Prado Coelho, “Fernando Pessoa, pensador múltiplo”, in *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa, Ática, s.d., pp. XXXV-XXXVI.

³⁰ FPR, p. 138.

³¹ FRB, p. 12.

absoluto, ou, se se preferir, de se confrontar de forma directa e tão absoluta como a de Pessoa com o absurdo negativismo moderno.

Acrescente-se que “por mais «de fora» que ele o desejasse, ou se tenha dito, o olhar de Eça sobre nós mesmos é um *olhar de dentro*. É mesmo, como bem sublinha o autor de *O Canto do Signo*, o primeiro grande olhar cultural que nos instala na obsessão perversa – e acaso inelutável – da comparação entre o «lá fora» e o «cá dentro». Desde então, como Cultura, ficámos habitando entre os dois e em lado nenhum, situação que Pessoa, *o estrangeiro quase absoluto*, iria ressentir como ninguém mais entre nós.”³²

Ana Nascimento Piedade

³² FRB, p. 50.